

Ler o arquivo hoje: a sociedade em rede e suas andanças no ciberespaço¹

*Dantielli Assumpção Garcia²
Lucília Maria Abrahão e Sousa³*

Abstract: In this work, from the theoretical perspective of Pêcheux's Discourse Analysis (Pêcheux, 1993), we study Marcha das Vadias (The SlutWalk) Facebook pages, seeking to reflect upon the paths of reading (Nunes, 2008) of/in the digital file. In order to do that, we make use of concepts such as file, memory, themed route to understand the reading in cyberspace, in the network society. We show that reading of/in the digital file is interspersed with institutional relations, power relations where the construction and paths of reading of/in the file in the network, in cyberspace are ideologically marked.

Keywords: file; cyberspace; reading; The SlutWalk.

Resumo: Neste trabalho, da perspectiva teórica da Análise de Discurso pecheuxtiana (Pêcheux, 1993), a partir da análise de páginas do Facebook da Marcha das Vadias, pretendemos refletir sobre os percursos de leitura (Nunes, 2008) do/no arquivo digital. Mobilizaremos para essa reflexão os conceitos de arquivo, memória, percurso temático para compreender a leitura no ciberespaço, na sociedade em rede. Mostraremos que a leitura do/no arquivo digital é entremeada por relações institucionais, relações de poder em que a construção e os percursos de leitura do/no arquivo na rede, no ciberespaço são ideologicamente marcados.

Palavras-chave: arquivo; ciberespaço; leitura; Marcha das Vadias.

Introdução

“Mulher é desdobrável. Eu sou.”

Adélia Prado

O artigo presente, partindo das noções de arquivo, memória, percurso temático, vem refletir sobre os percursos de leitura do/no arquivo digital. Para tanto, analisaremos as páginas do Facebook da Marcha das Vadias de São Paulo, Brasília, Campinas, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, apontando como elas organizam-se em temas, datam e selecionam dizeres acerca da mulher e do feminismo que produzem sentidos na rede e na sociedade. Iniciaremos nosso texto com uma discussão acerca da sociedade em rede, do ciberespaço, da cibercultura, buscando compreender como a vivência no ciberespaço permite a produ-

1 Este texto faz parte do projeto de Pós-Doutorado *A Marcha das Vadias nas redes sociais: efeitos de feminismo e mulher*, financiado pela FAPESP (proc. n° 2013/16006-8).

2 Mestre e Doutora em Estudos Linguísticos também pela UNESP/São José do Rio Preto. Pós-doutoranda em Ciência da Informação e Comunicação pela FFCLRP/USP sob a supervisão da Profa. Dra. Lucília Maria Abrahão e Sousa.

3 Professora Livre-Docente da Universidade de São Paulo (USP-Ribeirão Preto)

ção de certos sentidos à sociedade, aos sujeitos antes não previstos. Após essa reflexão, discutiremos em que consiste o arquivo e seus percursos temáticos de leitura, explicitando que entendemos as páginas do Facebook como um grande arquivo, um grande campo de documentos sobre diversas questões (sociais, políticas, econômicas, históricas). Em nosso caso, as questões trazidas às páginas são relativas ao universo feminino, à mulher cis ou transexual. Temas como aborto, estupro, violência, emancipação serão recorrentes no arquivo da Marcha das Vadias. Para finalizarmos, analisaremos as páginas do Facebook da Marcha das Vadias, mostrando como os gestos de leitura e as escolhas temáticas são marcas do funcionamento ideológico. Portanto, buscaremos compreender a leitura no ciberespaço, na sociedade em rede que vive conectada ao virtual, mas que, com seus gestos de leitura, de interpretação, produz sentidos no espaço urbano, no espaço cidadão.

1 Sociedade em rede: um espaço para o heterogêneo

Nesta parte, discutiremos em que consiste a sociedade em rede, como esta funciona no ciberespaço e produz novas formas de relação e socialização entre os sujeitos. O nosso mundo, como aponta Castells (2005, p. 17), está em processo de transformação estrutural desde há duas décadas em virtude da emergência das tecnologias da comunicação e da informação. “É um processo multidimensional, mas está associado à emergência de um novo paradigma tecnológico, baseado nas tecnologias de comunicação e informação que começam a tomar forma nos anos 60 e que difundiram de forma desigual por todo o mundo”. Para o autor (2005, p. 17), a tecnologia é condição necessária, porém, não suficiente para a “emergência de uma nova forma de organização social baseada em redes, ou seja, na difusão de redes em todos os aspectos da actividade na base das redes de comunicação digital.” O que é novo, como ressalta Castells (op. cit., p. 17), é o fato de serem de base microeletrônica, “através de redes de tecnologias que fornecem novas capacidades a uma velha forma de organização social, as redes”. Assim, entenderá (2005, p. 20) por *sociedade em rede*:

uma estrutura social baseada em redes operadas por tecnologias de comunicação e informação fundamentadas na microeletrônica e em redes digitais de computadores que geram, processam e distribuem informação a partir de conhecimento acumulado nos nós dessas redes. A rede é uma estrutura formal. É um sistema de nós interligados.

A sociedade em rede é global, ou seja, é baseada em redes globais, é “hipersocial, não uma sociedade do isolamento”, contudo também “há a emergência de um individualismo em rede”. Ou seja, “a sociedade em rede é uma sociedade de indivíduos em rede” (Castells, 2005). Ainda nos dizeres do autor (2005, p. 18):

a sua lógica chega a países de todo o planeta e difunde-se através do poder integrado nas redes globais de capital, bens, serviços, comunicação, informação, ciência e tecnologia. Aquilo que chamamos globalização é outra maneira de referirmos à sociedade em rede, ainda que de forma mais descritiva e menos analítica do que o conceito de sociedade em rede implica. Porém, como as redes são selectivas de acordo com seus programas específicos e porque a sociedade em rede difunde-se por todo o mundo, mas não inclui todas as pessoas. De facto, neste início de século, ela exclui maior parte da humanidade, embora toda a humanidade seja afectada pela sua lógica e pelas relações de poder que interagem nas redes globais da organização social.

Sobre isso Romão (2004, p. 71) salienta que “o século XXI, nasce com marcas de silício nas veias, embalado pelo ideário de liberdade construído a partir da explosão das tecnologias de comunicação, especialmente aquelas que proporcionam velocidade, mobilidade e ubiquidade”. Tais traços imprimem outra forma de mediação da linguagem, no caso, mediada pela máquina na rede digital, apontando assim um outro modo de funcionamento discursivo. Isso porque, além de possibilitar a vivência da mobilidade, ubiquidade, a sociedade em rede, por meio das tecnologias da comunicação (computadores, celulares, etc.), vive também a abertura para a possibilidade do encontro, no espaço digital, com o outro. Mesmo que não acesse discursos que não concorde, que refute, o sujeito conectado convive com esses discursos que estão em funcionamento na rede. No ciberespaço, o mesmo e o diferente circulam e produzem sentidos. A rede é um espaço heterogêneo que se abre para o múltiplo, todavia um múltiplo permeado por relações de poder em que se permitem certos dizeres, mas interditam-se outros; ainda que de forma velada e sob a evidência ideológica de que tudo pode ser dito, certos sentidos tidos como indesejáveis são interditados, interrompidos e descontínuos. Refletindo sobre a rede, Romão (2004, p. 72) coloca que:

ao mesmo tempo em que os pontos e os nós compõem a geometria do trançado, há espaços de brechas, desvãos e buracos, que criam poros abertos, por onde escorregam vazios, escampam silêncios, escorrem os não-ditos e interditos. Há vãos intervalares entre os cantos de galo, há espaços vazios entre os pontos de um bordado, há frestas de sentido entre as palavras de um texto, há poros abertos no rendilhado-rede do pescador. O desenho e a fissura, a linha e o fio roto, o riscado e a ausência dele, o peixe preso e aquele que escapou. Por isso, além do fio, é constitutiva a falta dele na rede.

Lemos (2005, p. 1), refletindo sobre as novas dinâmicas de acesso e de uso da rede nas metrópoles contemporâneas aponta que a informatização da sociedade, que começa na década de 70 do século XX, parece já estar estabelecida nas principais cidades ocidentais desenvolvidas:

O que está em jogo nesse começo de século XXI é o surgimento de uma nova fase da sociedade da informação, iniciada com a popularização da internet na década de 80 e radicalizadas com o desenvolvimento da computação sem fio, pervasiva e ubíqua, das redes de acesso à internet sem fio e das redes caseiras de proximidade com a tecnologia “Bluetooth”. Trata-se de transformações nas práticas sociais, nas vivências do espaço urbano e na forma de produzir e consumir informação. A cibercultura solta as amarras e desenvolve-se de forma onipresente, fazendo com que não seja mais o usuário que de desloque até a rede, mas a rede que passa a envolver os usuários e os objetos numa conexão generalizada (LEMONS, 2005, p. 1-2).

Lemos (2003, p. 11), relacionando sociedade, tecnologia e cultura, salienta que o termo cibercultura está “recheado de sentidos”, mas que podemos compreender a cibercultura como “a forma sociocultural que emerge da relação simbiótica entre a sociedade, a cultura e as novas tecnologias de base microeletrônica que surgiram com convergência das tecnologias com a informática na década de 70”. Ainda para o autor (2003, p. 11), a cibercultura é a “cultura contemporânea marcada pelas tecnologias digitais”, como consequência direta da evolução da cultura técnica moderna. Assim, a cibercultura “nasce no desdobramento da relação da tecnologia com a modernidade que se caracterizou pela dominação através do projeto racionalista-iluminista da natureza e do outro” (Lemos, 2003, p. 11). Pierre Lévy (1999, p. 130) entende a cibercultura como a expressão da aspiração de construção de um laço social

que não seria fundado nem sobre links territoriais, nem sobre relações institucionais, nem sobre as relações de poder, mas sobre a reunião em torno de centro de interesses comuns, sobre o jogo, sobre o compartilhamento do saber, sobre a aprendizagem cooperativa, sobre os processos abertos de colaboração.

Como Lévy (1999), acreditamos que as comunidades virtuais “exploram novas formas de opinião pública”, buscando deslocar dizeres já estabilizados na memória da sociedade. Como mostraremos nas análises, nas páginas da Marcha das Vadias, há a tentativa da fundação de novas discursividades que buscam constituir uma posição ao sujeito feminino que seja legitimada na sociedade. No ciberespaço, haverá a divulgação e a circulação de outros dizeres que afetam o funcionamento da sociedade. Na rede, será constituído um espaço para a militância, para que os sujeitos silenciados pela sociedade tenham voz, digam sobre seus desejos, medos, lutas. Moraes (2000, p. 142-143) explicita que a militância online vem alargar a teia comunicacional planetária, usufruindo de uma das singularidades do ciberespaço: “a capacidade de disponibilizar, em qualquer espaço-tempo, variadas atividades, formas e expressões da vida”. Ainda nas palavras do autor (2000, p. 143-144):

No ciberespaço, as contradições não precisam ser silenciadas, porque é da essência mesma do virtual a veiculação simultânea e indefinida de conteúdos, pouco importando as suas procedências, os seus alinhamentos ideológicos, as suas armas de confrontação e fascínio. O princípio básico é disponibilizar, pôr em andamento e execução, tornar dados, imagens e sons acessáveis e acessíveis. Em última análise, são os usuários – individuais ou coletivos – que acabam por determinar os sentidos possíveis para as mensagens.

Assim é o funcionamento das páginas do Facebook da Marcha das Vadias. No virtual, na rede, há a divulgação de textos, vídeos, artigos sobre a mulher, seu corpo, sobre o estupro, sobre o feminismo, o machismo, a homofobia, a transfobia. As contradições no ciberespaço, nas páginas do Facebook não são silenciadas, são divulgadas, são confrontadas, questionadas. Ganham corpo ao fazerem circular posições em confronto; nessa direção, a Marcha das Vadias dá voz ao sujeito feminino, inscreve efeitos de/sobre o feminino a partir da posição sujeito feminino e faz falar uma voz que quer ser ouvida, respeitada.

No ciberespaço, haverá uma abertura para que diferentes posições sejam colocadas em circulação. Ao formular um dizer sobre a mulher, a Marcha das Vadias traz também dizeres produzidos pela sociedade machista, patriarcal que violentam o feminino. Ao trazer a voz do outro no ciberespaço, o intuito da Marcha das Vadias é fazer com que a sociedade reflita sobre uma naturalização da posição da mulher produzida pela mesma sociedade. Ao militar por meio da rede, sentidos são produzidos no ciberespaço, porém, com o objetivo de atingir o espaço público, o espaço urbano, cidadão. Embora a sociedade em rede passe boa parte de seu tempo conectada ao ciberespaço, as ações esperadas são para serem sentidas no espaço urbano. As polêmicas, os confrontos surgem inicialmente no espaço urbano, depois, pela militância, territorializam-se no ciberespaço, nas redes sociais, nas comunidades virtuais. Ali, circularão e produzirão sentidos, reflexões às questões polêmicas. Após as diversas discussões pela sociedade em rede, as ações voltam a territorializar-se no espaço urbano, produzindo mudanças na sociedade. Como diz Barbero (s.d.), “En las grandes ciudades el uso de las redes electrónicas está permitiendo construir grupos que, virtuales en su nacimiento, acaban territorializándose, pasando de la conexión al encuentro, y del encuentro a la acción”.

A rede produz, desse modo, novas formas de individuação dos sujeitos, abre para a multiplicidade dos sentidos, sustenta desavenças, conflitos. A rede é um espaço heterogêneo, sustentado por relações de poder, que permite ao sujeito do século XXI ler temas que o afetam, dizer fatos que o incomodam, viver a possibilidade de uma sociedade menos sexista, violenta. O ciberespaço permite a militância, permite a discussão de temas que afetam o funcionamento do espaço urbano. Na rede, confrontos surgem na tentativa de fundar outros discursos à sociedade, outras formas de socialização em que não só o sujeito homem-heterossexual tenha voz, mas em que todos os sujeitos mulher, homossexual, bissexual, transexual possam dizer e não serem ditos por uma sociedade baseada em uma violência patriarcal de gênero que também circula na rede.

2 Percursos temáticos do/no arquivo: dizeres na Marcha das Vadias

Nesta parte, retomaremos algumas discussões em torno do conceito de *arquivo*, para melhor compreender o funcionamento do arquivo digital que constitui a internet, em nosso trabalho, das páginas do Facebook da Marcha das Vadias. Escolhemos a Marcha das Vadias por ser um movimento feminista recente que traz à rede e à sociedade inúmeras discussões acerca da mulher, do feminismo no século XXI. A Marcha das Vadias (SlutWalk) surgiu no Canadá quando um policial recomendou que as mulheres evitassem se vestir como “putas” para não serem vítimas de estupro. Como resposta a esse comentário em que se culpabiliza a vítima e não o estuproador, surge a Marcha das Vadias, a qual se espalhou pelo mundo chegando inclusive ao Brasil. Nossa análise se concentrará nas páginas do Facebook da Marcha das Vadias. Nessas páginas, podemos ver a discussão de inúmeras questões sobre o feminino. Nossa finalidade com a análise é perceber quais temas circulam nas páginas e como estes produzem sentidos.

A discussão sobre as novas formas de leitura de arquivo na Análise de Discurso foi impulsionada por um texto em que Michel Pêcheux (1993) refletia sobre as mudanças tecnológicas ligadas à leitura em ciências humanas. Segundo o autor (1993, p. 57), o arquivo é entendido, em sentido amplo, como “campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão”. Para nós, as páginas do Facebook constituem um grande arquivo de inúmeras questões sociais, políticas, econômicas, históricas que circulam na sociedade. No ciberespaço, inúmeros fatos que passam no espaço urbano, cidadão circularão e ecoarão sentidos para a sociedade em rede. Em uma tentativa de ruptura a certas memórias estabilizadas, os posts são publicados com o intuito de produzir deslocamentos de sentidos sobre a mulher e suas ações.

Pêcheux (1993) explicita que há duas tradições de trabalho de arquivo: (i) literária e (ii) científica. Saliencia que tradicionalmente os literatos são os profissionais de leitura de arquivo e os cientistas são os fabricantes das novas tecnologias e sustentadores das leituras dos literatos. Para o autor, essa separação entre o literário e o científico revela uma divisão social do trabalho de leitura: “a alguns o direito de produzir leituras originais, logo ‘interpretações’ a outros a tarefa de preparar e sustentar as interpretações” (1993, p. 58). Nas páginas do Facebook, podemos perceber a organização e as interpretações, pelos usuários da rede, de temas polêmicos que circulam na sociedade. Sustentado na plataforma Facebook, os sentidos são produzidos e circulam confrontando diferentes posições acerca de dizeres femininos e feministas.

Como nos diz Romão (2005a): “No caso da internet, ‘o campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão’ é uma construção que dialoga com prática organizativa,

memória autorizada a circular, representação de poder e de seleção a informações possíveis e passíveis de serem conhecidas e reconhecidas”. E, no Facebook, tal construção dá-se ao modo de um pergaminho com extensão “ilimitada” que se desenrola a cada novo post, conservando (não todamente) o que foi inserido antes e o que está em curso no gerúndio do agora. Isso implica um arquivo em movência, em construção contínua e com uma atualização permanente. Arquivo que, além deste traço, se enreda a partir de várias vozes, se enovela em outro que é uma rede de conexões com extensão imprevisível.

Almejamos com esse trabalho mostrar o modo de organização e seleção de informações feitas pela Marcha das Vadias que fazem circular uma memória sobre a mulher, sobre o feminismo passível de ser reconhecida, mas também apagada. Refletindo ainda sobre as diferentes tradições de leitura de arquivo (literária e científica) e relacionando com a leitura no digital, na rede permeada pelos hipertextos, Romão (2005a) salienta que:

Essa divisão, entre aqueles que estão autorizados a ler e escrever em seu nome e os que não podem ocupar essa posição, aparece re-configurada no livro eletrônico (...) estar diante de arquivos eletrônicos, ler o livro de silício, ter acesso à escrita do livro de areia e compreender os sentidos instalados nos documentos eletrônicos não são tarefas acessíveis a todos os habitantes do século XXI, visto que os poderes e saberes não são distribuídos de maneira homogênea na sociedade atual e, assim, os sujeitos do discurso fazem falar posições marcadas pela desigualdade e afetadas por diferentes acessos ao poder, saber e dizer.

Nas páginas do Facebook, podemos ver como a leitura funciona. Ao postar um texto, um vídeo, link, a Marcha das Vadias permite que seus membros produzam leituras sobre os posts. Por meio dos comentários, a interpretação dos sujeitos desse arquivo. Ao interpretar, diferentes posições são explicitadas, confrontos e alianças surgem, são sustentadas ou apagadas. Conforme Pêcheux (1993, p. 63), é a existência da linguística em relação com a discursividade que possibilita produzir um trabalho de leitura de arquivo: “É esta relação entre a língua como um sistema sintático intrinsecamente passível de jogo, e a discursividade como inscrição de efeitos linguísticos materiais na história, que constitui o nó central de um trabalho de leitura de arquivo”. São com as diferentes formas de ler, de trabalhar com o arquivo, que surgem as diferentes posições. De acordo com Pêcheux (1993, p.57):

em torno dos arquivos textuais, surgiram posições implícitas (de grupos, de escolas, e até de igrejinhas) que se acotovelam numa relação ambígua de concorrência, de alianças parciais e de antagonismos disfarçados. Os grandes debates memorialistas, filosóficos ou literários são os mais frequentemente estruturados através dos confrontos sobre temas, posições ou, às vezes sobre métodos de trabalho. Mas, mesmo neste último caso, a questão da leitura permaneceu quase sempre implícita: há, entretanto, fortes razões para se pensar que os conflitos explícitos remetem em surdina a clivagens subterráneas entre maneiras diferentes, ou mesmo, contraditórias de ler o arquivo.

A partir da análise das páginas do Facebook, pretendemos analisar quais Formações Discursivas (FDs) estão em confronto. A machista? A feminista? A heterossexual? A ho-

mossexual? A transexual? Como diferentes posições sujeitos se “acotovelam” para sustentar sentidos que legitimam suas posições sociais. Quais são as alianças e os antagonismos? Para o Pêcheux (1993), seria interessante reconstruir a história dos diferentes gestos de leitura. “Assim começaria a se constituir um **espaço polêmico das maneiras de ler**, uma descrição do ‘trabalho do arquivo enquanto relação do arquivo com ele mesmo, em uma série de conjunturas, trabalho da memória histórica em perpétuo confronto consigo mesma’” (Pêcheux, 1993, p. 57). Desse modo pretendemos analisar as páginas do Facebook da Marcha das Vadias, mostrando a relação dos textos arquivados e a constituição de um dizer sobre a mulher que busca legitimar sua posição na sociedade.

Orlandi (2006, p. 15), ao falar sobre o arquivo, distingue dois tipos de memória: a memória discursiva e a memória institucionalizada. A memória discursiva é constituída pelo esquecimento, são todas as enunciações já ditas e silenciadas pelas condições de produção. Já a memória institucionalizada é o arquivo, estabilização dos sentidos. No arquivo, o dizer é documento, atestação dos sentidos, efeito de relações de forças, nele há um fechamento. Nas palavras da autora (2006, p.22), “a memória de arquivo representa o discurso documental, a memória institucionalizada que é aquela justamente que fica disponível, arquivada em nossas instituições e da qual não esquecemos. A ela temos acesso, basta para isso consultar os arquivos onde ela está representada”. No espaço digital, nas páginas do Facebook da Marcha das Vadias, vemos uma memória institucionalizada acerca do que é ser mulher, do que é o feminismo. Os posts publicados nas páginas estabilizam, de um lado, certos sentidos; de outro, buscam romper com uma memória estabilizada pela história e pela sociedade sobre o feminino. No grande arquivo que se constituirão as páginas do Facebook, gestos de leitura ecoarão dos posts, percursos temáticos serão traçados e trajetos de dizer contam com o outro, a postagem do outro, o deslocamento fugidivo dos sentidos do outro.

Nunes (2008, p. 91) salienta dois tipos de percursos ao se trabalhar com o arquivo: (i) percurso temático de arquivo e (ii) percurso temático no arquivo⁴. O *percurso temático no arquivo* é aquele que se realiza em um ou mais arquivos para a composição de um corpus de análise. Dessa maneira realizam seus trabalhos Guilhamou e Maldidier (1997). Entendem os autores (op. cit., p. 165-166) por tema uma noção que não remete nem à análise temática, tal como é praticada pelos críticos literários, nem aos empregos que dela se faz na linguística. “Essa noção supõe a distinção entre o ‘horizonte de expectativas’ – o conjunto de possibilidades atestadas em uma situação histórica dada – e o acontecimento discursivo⁵ que realiza uma dessas possibilidades, inscrito o tema em posição referencial” (Guilhamou e Maldidier, 1997, p. 166). Assim (op. cit., p. 166), a análise do trajeto temático não se restringe aos limites da escrita, de um gênero, de uma série: ela reconstrói os caminhos daquilo que produz o acontecimento na linguagem: “a análise do trajeto temático fundamenta-se em um vai e vem de atos linguageiros de uma grande diversidade e atos de linguagem que podemos analisar linguisticamente e nos quais os sujeitos podem

4 Consideramos que nas páginas do Facebook podemos ver, além do percurso temático de arquivo, uma vez que para constituir-se o arquivo das páginas do Facebook vai-se até outros arquivos para selecionar os textos que circularão nas páginas, um percurso temático no arquivo, já que as páginas funcionam como um arquivo que seleciona, data e faz circular dizeres sobre a mulher.

5 Conforme Guilhamou e Maldidier (1997, p. 166), o acontecimento discursivo “não se confunde nem com a notícia, nem com o fato designado pelo poder, nem mesmo com o acontecimento construído pelo historiador. Ele é apreendido na consistência que se entrecruzam em um momento dado”. Para Pêcheux (1990, p. 19), o acontecimento é o fato novo, as primeiras declarações em “seu contexto de atualidade e no espaço de memória que ele convoca e que já começa a reorganizar”. Segundo Zoppi-Fontana (1997, p. 51), o acontecimento é o “ponto de encontro entre uma atualidade e uma memória a partir da qual se reorganizam as práticas discursivas”.

ser especificados”. Já o *percurso temático do arquivo* é aquele construído em um arquivo, frequentemente ligado a uma instituição. Vemos os movimentos sociais, na atualidade, circulando na rede, como lugares institucionais que organizam no ciberespaço dizeres sobre suas reivindicações. Para Nunes (2008, p. 91): “O que se estuda nesse caso não é exatamente como um tema está no arquivo ou atravessa vários arquivos, mas sim como o arquivo se constitui por temas, como ele ordena, classifica e constrói por meio de práticas documentais um discurso da história”.

Acreditamos que as páginas do Facebook são arquivos constituídos por temas relacionados à mulher, ao feminismo, ao feminino. Na análise das páginas é possível ver o funcionamento do arquivo em relação a ele mesmo, ou seja, o gesto de sistematizar os saberes, os fatos, divulgá-los no ciberespaço produz determinados sentidos e apaga outros. Como aponta Romão (2005b, p. 6-7), ao analisar a topologia do hipertexto: “O permanente e tenso deslocamento no ciberespaço – cheio de tocas de coelho branco – cria condições para que o sujeito construa a sua discursividade na fugacidade, também marcada pela possibilidade de dizer e escrever na tela, a fantasia que lhe é interdita na realidade”. Em nossas análises, pretendemos, assim, perceber como o sujeito feminino, militante da Marcha das Vadias constrói sua imagem, que fantasia ele assume no ciberespaço, que dizeres interditos esse sujeito busca divulgar nas páginas do Facebook e fazer circular na sociedade.

3 A Marcha das Vadias e o arquivo digital: o dito e não-dito no ciberespaço

Nosso objetivo nesta parte de nosso trabalho é compreender o funcionamento do arquivo digital em que se constituem as páginas do Facebook da Marcha das Vadias. Analisaremos como as páginas do Facebook organizam-se em temas e fazem circular sentidos sobre a mulher e o feminismo na sociedade contemporânea. Fatos que ocorrem no espaço cidadão serão divulgados na rede com o intuito de proporcionar uma discussão sobre as posições de mulher, homem, heterossexual, homossexual, transexual que estão em confronto no funcionamento da sociedade. As páginas, ao fazerem circular certos discursos, buscam romper com certas memórias estabilizadas. A organização e a seleção de informações, sejam textos, vídeos, charges, feitas pela Marcha das Vadias fazem circular, de um lado, uma memória sobre a mulher, às vezes, reconhecida, às vezes, confrontadas; de outro, trazem uma atualização de dizeres sobre o sujeito feminino. Nos posts, podemos ver uma atualização de uma memória estabilizada na tentativa de construir um acontecimento discursivo que reverberará sentidos na sociedade e legitimará uma posição-sujeito à mulher.

Nas análises, duas FDs estarão em confronto. Uma FD machista e uma FD feminista. O machismo aparece nos discursos como uma memória, um discurso outro, o qual deve ser rompido, pois produz discursos que violentam a mulher e colocam-na em uma posição de submissão naturalizada pela sociedade. Já a FD feminista formulará discursos que buscam constituir uma outra posição à mulher, seja ela hetero, homo, bi, transexual. Na FD feminista, há a atualização dessa memória machista que ecoa sentidos ainda no século XXI.

A Marcha das Vadias, ao circular na rede por meio de suas páginas no Facebook, organiza, de certo modo, suas reivindicações. As lutas feministas/femininas farão parte do arquivo digital e circularão na rede, mostrando quais são os desejos feministas/femininos. Analisaremos, como já salientamos, as páginas da Marcha das Vadias de São Paulo, Brasília, Campinas, Belo Horizonte e Rio de Janeiro. Nossas análises não focarão em textos específicos, mas sim analisarão as páginas como um arquivo, com o objetivo de perceber quais temas são mais recorrentes nas páginas. Trabalharemos com alguns posts

de janeiro de 2014, buscando compreender como diferentes temas aparecem no arquivo digital nesse período.

As páginas do Facebook da Marcha das Vadias, assim como a rede, apresentam diversos documentos ordenados e datados em que se podem encontrar diversas discursividades em circulação. Romão e Benedetti (2008, p. 4) ressaltam que a rede eletrônica “passa a funcionar como um grande arquivo onde pode ser encontrado a soma das discursividades dos arquivos eletrônicos percorridos pelo sujeito”. Ainda nos dizeres das autoras (2008, p. 4),

(...) a rede, como Arquivo, assim marcado pela letra maiúscula, posto que nele vários arquivos discursivos estão ordenados e dispersos, entremeados e costurados em uma única página (ou soltos em várias delas), sempre encadeados em rede. Se tomarmos um arquivo discursivo como um campo de documentos sobre uma questão, tal qual a perspectiva discursiva o entende, temos na rede eletrônica uma articulação imensa de arquivos que podem ser inseridos, retirados, envelhecidos, deslocados, adulterados e modificados ao modo como o sujeito discursivo estabelece com eles uma relação de leitura e de escrita.

Nas páginas do Facebook, o arquivo é constituído por textos, charges, vídeos, campanhas publicitárias, fotos. Esses materiais dividem-se em dois tipos: um produzido pela Marcha das Vadias e divulgado na página do movimento e outro elaborado por outros movimentos sociais, outros sujeitos, não necessariamente militantes da Marcha das Vadias, e que são divulgados nas páginas por meio de links. Assim, compartilham-se saberes, dizeres produzidos por outros sujeitos, movimentos, mas que sustentam as lutas feministas travadas pela Marcha das Vadias. Ao compartilhar os textos de outras páginas, constrói-se um grande arquivo de hipertextos, em que a leitura começa a traçar percursos que percorrerão outras páginas e não só as páginas da Marcha das Vadias. Como aponta Romão (2004, p. 74): “No plano da comunicação, as janelas abertas pavimentam horizontes novos e o hipertexto se inclui nesse movimento: funciona como o nó, que guarda em si uma rede inteira, ligando um texto a tantos outros textos como os cantos de galo que fazem conexão no ar da manhã”. Ao ligar um texto a outros textos, as relações entre os movimentos são estabelecidas ou, às vezes, refutadas, os percursos de leitura são abertos e sentidos começam a surgir. Vejamos um exemplo:



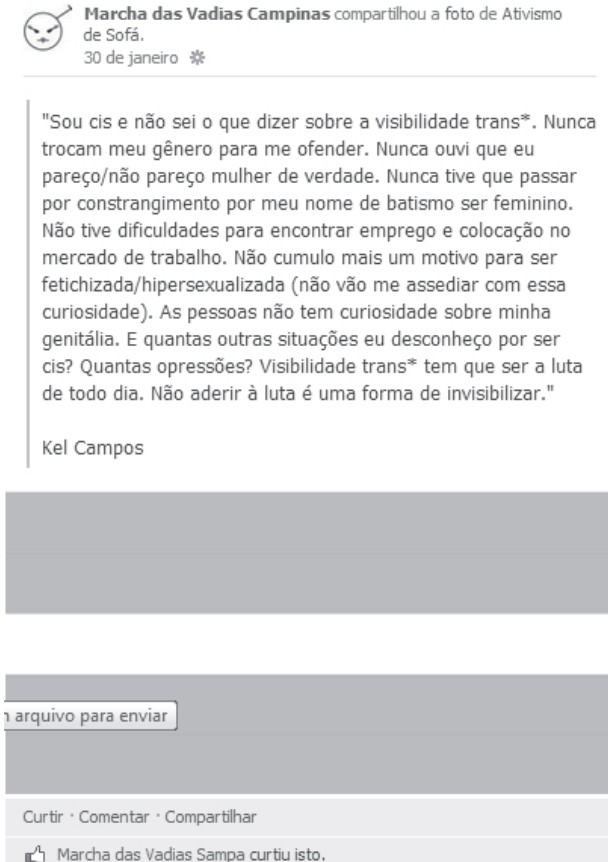
Este post publicado pela Marcha das Vadias de Brasília, trazendo uma reflexão acerca da transexualidade, passará a circular, por meio de compartilhamentos em outras páginas, como na página da Marcha das Vadias de São Paulo. O post busca produzir uma reflexão acerca da questão de gênero. Ao falar que a genitália, a anatomia não definem gênero, refuta-se um discurso-outro sustentado pela sociedade que aponta o corpo como elemento constituidor do gênero dos sujeitos. Em tom de protesto, direciona-se ao sujeito pedindo a destruição do “cis-tema”. Aqui, temos várias leituras. O item “cis” pode ser lido como uma redução dos termos cisgênero, cissexual, cissexismo. As pessoas cisgêneras são aquelas designadas com um gênero ao nascer e que se identificam com ele. Já as pessoas transgêneras são aquelas que não se identificam com o gênero que nascem. Assim, o pedido é que se “destrua” essa naturalização da relação gênero e genitália, que se “destrua” o preconceito contra a pessoa trans. Outra leitura possível direciona para uma “destruição do sistema”. Por apresentar a mesma pronúncia (cis e sis), produz-se um pedido de que se “destrua”, de certo modo, a ordem estabelecida, que se questione os discursos, a ideologia sustentados pela sociedade que circulam e constituem os sujeitos. E vale aqui destacar a polissemia da palavra “sistema”, muitas vezes atribuída ao próprio sistema digital quando ouvimos a expressão “hoje o sistema está lento”. Outro efeito para “sistema” nos diz de uma estrutura social que naturaliza o preconceito, regulariza os sentidos dominantes sobre economia, política, sexualidade etc; é justamente aqui nesse cis e sis que se produz algo de jocoso, de equivocado a dizer e fazer deslizar outro sentido, aquele que reclama a denúncia e a destruição do sistema.

Como dia 29 de janeiro é o Dia da Visibilidade Trans, as páginas das Marchas das Vadias divulgarão diversos links com textos, charges, vídeos sobre o tema:



Nessa publicação da Marcha das Vadias do Rio de Janeiro, podemos perceber a relação com outra página do Facebook: *Sasha, The Lioness*. Sasha é um quadrinho, produzido por

Samie Carvalho. Sasha é uma leoa transexual. Seus quadrinhos refletem principalmente sobre o tema transfobia. Ao publicar essa charge, a Marcha, filiando-se e sustentando o discurso da Sasha, apresenta uma discussão acerca do cissexismo, de uma imposição (por meio de marcas no corpo) ao padrão de genitália/gênero. A partir do Dia da Visibilidade Trans, o tema cissexismo passará a circular com mais frequência nos arquivos da página do Facebook:



Aqui, a Marcha das Vadias de Campinas compartilha uma foto da página *Ativismo de Sofá*. O arquivo do Facebook da Marcha das Vadias vai se constituindo por meio dessas relações entre militantes de diferentes movimentos sociais. A foto é a bandeira do movimento trans. Antes da foto, temos um texto, semelhante a uma narrativa de experiência, que relata o dia-a-dia de uma pessoa cis. Ao trazer a rotina cis, traz-se o discurso-outro que marca uma violência contra o sujeito trans. Em geral, ao formular um discurso de protesto contra uma violência de gênero, traz-se o discurso outro; melhor dizendo, para sustentar o protesto e a ruptura dos sentidos naturalizados de violência, o sujeito desloca-se a partir do que está posto, produz fenda e fratura justamente na região estabilizada.

Outro tema que constitui as páginas das Marchas das Vadias é a violência contra a mulher. Uma postagem que circulou na Marcha das Vadias de Belo Horizonte, São Paulo e Brasília foi compartilhada da página do Facebook *Plantão Policial*. Esse post dizia o seguinte:



Marcha das Vadias Sampa compartilhou a foto de Plantão Policial.
24 de janeiro

Uma fala muito parecida com esta deu origem a Slut Walk.

Até qdo iremos permitir que atribuam à vítima a culpa pelo estupro sofrido?

NO PORTUGUÊS BEM CLARO...

"Atenção você menininha que gosta de ficar postando suas pernas de fora aqui em Rede Social, sua bunda para todo mundo ver, seus seios para mostrar o tanto que são avantajados e outras partes do corpo como forma de chamar atenção... Cuidado, pois além de arrancar muitas curtidas como você quer, um desses curtidores pode ser um maniaco sexual que passará a segui-la fielmente através da rede, até que ele descobrirá onde você mora e passará a perseguir você pessoalmente..." 53 mil mulheres, entre elas, adolescentes, foram estupradas só no ano de 2013. E você pode ser a próxima vítima... E olha só, foi você quem convidou o tarado! #ficaadica



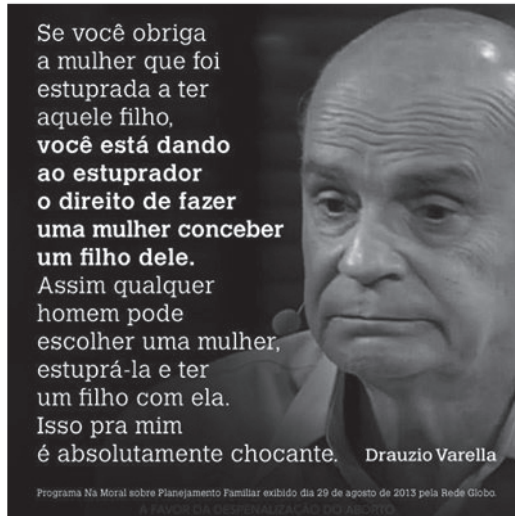
Nesse post, coloca-se a vítima como a culpada pelo estupro, uma vez que postou fotos de seu corpo, convidou o “tarado”. Ao compartilhar esse texto, as Marchas das Vadias buscam interpretar esse post, posicionando-se acerca da violência contra a mulher e mostrando que a culpa nunca é da vítima. A Marcha das Vadias busca romper com essa discursividade que responsabiliza a mulher pela violência que sofre. Ao trazer uma posição antagônica ao movimento feminista, a Marcha tenta romper com um discurso legitimado pela sociedade sobre a mulher. A Marcha das Vadias de Belo Horizonte, ao interpretar esse post traz a história do surgimento da Marcha das Vadias, mostrando como essa violência contra a mulher é um discurso recorrente na sociedade. O discurso da culpabilização da vítima de estupro faz parte da memória da sociedade, o que as Marchas das Vadias buscam fazer é uma atualização dessa memória em uma tentativa de ruptura. Buscam-se romper discursos estabilizados na memória da sociedade sobre o que é ser mulher, sobre o que é ser vadia. Outra ruptura produzida pelas Marchas é no significado do próprio termo vadia. Nas Marchas, vadia é a mulher (cis, trans) que luta, que é livre, que age do modo como quer, que não se deixa ser violentada, que não aceita qualquer convite, que não aceita qualquer imposição.

Há uma violência produzida e legitimada pelo Estado contra a mulher. Ao culpabilizar a vítima pelo estupro, ao penalizar o aborto, a mulher é colocada como responsável pelos atos que sofre. Não se penaliza quem violenta, mas sim quem é violentado. O direito de defesa é dado ao outro e não à mulher:



Marcha das Vadias Sampa compartilhou a foto de Sociedade Racionalista.
28 de janeiro

Via A Favor da Despenalização do Aborto.



Curtir · Comentar · Compartilhar

1

320 pessoas curtiram isso.

Nesta parte, trouxemos alguns exemplos de temas organizados no arquivo digital Facebook. Ao analisarmos as páginas do Facebook durante o mês de janeiro, percebemos que os temas mais recorrentes, compartilhados por meio de textos, vídeos, charges, fotos, narrativas, são (1) violência contra a mulher (femicídio); (2) racismo e mulher negra (enegrecer o feminismo); (3) violência de gênero (homossexualidade, transexualidade, bissexualidade); (4) estupro.

Para finalizarmos este texto, gostaríamos de ressaltar que, como buscamos mostrar, a organização das páginas do Facebook é feita por meio dos compartilhamentos. O arquivo digital é constituído por hipertextos. O percurso de leitura é feito em diversos arquivos para constituir o arquivo da Marcha. Ao compartilhar, as relações entre diferentes movimentos sociais são estabelecidas. As alianças são sustentadas, os antagonismos confrontados. As FD machista e feminista disputam dizeres que circularão na sociedade. No arquivo digital, temas que assombram o espaço urbano são colocados em evidência, são discutidos, questionados. Ao trazer para discussão temas polêmicos, a Marcha das Vadias, em suas diversas páginas, busca romper com sentidos estabilizados sobre as relações entre homens, mulheres, homo, cis ou transexuais. Há no arquivo digital, na rede eletrônica, o encontro com o outro com o qual, às vezes, não se quer conviver ou não se espera conviver, já que, como diz Romão (2005a):

A topologia da rede eletrônica, com suas múltiplas entradas e portes e fechando o tempo todo, somado à ausência de um centro controlador dos atos de linguagem dialógica com sentidos plurais e imprevisíveis. É por isso mesmo que estão em movimento páginas eletrônicas com temas e efeitos políticos de reivindicação e denúncia e, ao mesmo tempo, também circulam outras páginas em que os sentidos de extermínio e intolerância são materializados.

Retomamos aqui a epígrafe de nosso trabalho, algo do desdobrável atravessa todo o nosso percurso e inscreve-se no discurso, visto que foi a partir de sentidos naturalizados e regularizados por força da repetição e da evidência ideológica que se desdobra a palavra do protesto e da reivindicação. Algo também dessa ordem é falado nas páginas do Facebook sobre o feminino, visto que um post é retroalimentado com outros vários, espalhando certo efeito em vários outros e sendo formado também a partir dessa explosão heterogênea que a rede possibilita. Por fim, algo do feminino também nos parece ser dessa instância: o desdobrável, “eu sou”.

Referências

- BARBERO, J. M. **Comunicación y solidaridad en tiempos de globalización**. Disponível em: <http://mrcproject.org/spanish/barbero.html>. Acesso em 04 de fev. 2014.
- CASTELLS, M. A sociedade em rede: do conhecimento à política. In: ____; CARDOSO, G. **A sociedade em rede**. Do conhecimento à ação política. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 2005.
- GUILHAUMOU, J.; MALDIDIER, D. Efeitos do arquivo. A análise do discurso ao lado da História. In: ORLANDI, E.P. (Org.). **Gestos de leitura**: da história no discurso. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.
- LEMO, A. C. Cibercultura: alguns pontos para compreender a nossa época. In: ____; CUNHA, P. (Org.) **Olhares sobre a cibercultura**. Sulina: Porto Alegre, 2003.
- _____. Cibercultura e mobilidade: a era da conexão. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da comunicação. Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/r1465-1.pdf. Acesso em 04 de fev. 2014.
- LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- MORAES, D. Comunicação virtual e cidadania: movimentos sociais e políticas na internet. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, vol XXIII, n. 2, jul-dez, 2000.
- _____. **Ativismo digital**, 2001. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/moraes-denis-ativismo-digital.html>. Acesso em 04 de fev.2014.
- NUNES, J. H. O discurso documental na história das idéias lingüísticas e o caso dos dicionários. *Alfa*. 2008.
- ORLANDI, E.P. Análise de Discurso. In: RODRIGUES-LAGAZZI, S.; ORLANDI, E.P. (Org.). **Introdução às ciências da linguagem**: discurso e textualidade. Campinas: Pontes, 2006.
- PÊCHEUX, M. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, E.P. (org.). **Gestos de leitura**: da história no discurso. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.
- _____. **Discurso**: estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes, 1990.
- ROMÃO, L. M. S.; MOREIRA, V. L. É Del.icio.us estar na rede - ideologia e discurso do sujeito navegador. **E-Compós** (Brasília), v. 11, p. 1-19, 2008.
- _____; BENEDETTI, C. A navegação do sujeito no discurso jornalístico impresso e eletrônico. In: **Verso e Reverso**. São Leopoldo, v. 22, 2008. Disponível em: www.revistas.univerciencia.org/index.php/versoereverso/article/view/5757. Acesso em 04 de fev. 2014.
- _____. De areia e de silício: as tramas do discurso no livro eletrônico. In: **Éspeculo**. Revista de estúdios literarios. Universidade Complutense de Madrid, 2005a. Disponível em: www.ucm.es/info/especulo/numero31/.html. Acesso em 04 de fev. 2014.
- _____. No país das maravilhas: uma metáfora sobre o dizer na rede. **Letra Magna** (Online), Recife, v. 3, p. 1-12, 2005b.

_____. Mais perto, mil faces sob a face neutra: considerações sobre a heterogeneidade no discurso jornalístico. **Signótica**, Goiânia, v. 17, p. 233-250, 2005.

_____. Nós, desconhecidos, na grande rede. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão/ SC, v. v.5, p. 71-91, 2004.

ZOPPI-FONTANA, M. **Cidadãos modernos**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.